

O CENACULO

SUMMULA :

	PAG. :
I DR. JUSTINIANO DE MELLO, por Dario Vellozo	59
II Os INSTINCTOS, por Justiniano de Mello.	62
III GALERIA PARANAENSE, por Leoncio Correia	82
IV ANNIVERSARIO, por Claudino dos Santos	86
V MÃE, por Leoncio Correia.	86
VI AMERICA DO SUL, por Ernesto Luiz de Oliveira	87
VII DHULIA, por Silveira Netto.	90

Junho de 1895

—
Paraná-Coritiba

DR. JUSTINIANO DE MELLO

Não tem as severas proporções de um estudo, nem a graciosidade de um perfil, esta mais que defficiente noticia litteraria que acompanha o retrato do Dr. Justiniano de Mello,—e constitue a singella e respeitosa homenagem rendida pelo CENACULO ao erudito pedagogo que tão leal e victoriosamente se ha batido sempre pelos sãos principios da Moral e da Justiça, conquistando assignalado pôsto de honra no jornalismo brasileiro e o primeiro entre os primeiros na Imprensa do Paraná. Releve-me o illustre democrata a incompetencia com que vou tratar tão melindroso assumpto, acceitando este justo tributo como eloquente protesto de nossa sinceridade.

Nasceo o Dr. Justiniano de Mello e Silva a 8 de Janeiro de 1853, em Larangeiras,—cidade do Estado de Sergipe. São seus paes o Dr. Felix José de Mello e Silva,—secretario particular de Frei Caneca, em a patriotica e celebre revolução de Pernambuco,—e a Exma. Snra. D. Maria Alexandrina de Mello e Silva.

Não erguerei sacrilegamente, quiçá em uma hypothese inverosimil e banal, o immaculo sudario branco da primeira illusão perdida, que amortalha invariavelmente as dulcidas cren-dices meigas da infancia e as pallidas recordações merencorias da juventude. A infancia é, quasi sempre, um sorriso divino, barcarolando atravez de uma lagrima; a juventude uma lagrima fulgida, scintillando atravez de uma esperanza...

O Dr. Justiniano de Mello foi sempre enamorado cenobyta das Lettras, votado ao mugnificante culto extraordinario da Poesia e da Critica, da Philosophia e da Analyse. Quando, em 1870, foi a Pernambuco, alfim de matricular-se na Academia do Recife, levava já o coração de moço diapazonado pelo Rythmo que emociona, que enleva e consola,—a alma vibratilisada pelo Mysticismo que exalta e revela,—o character educado no candido

sanctuario da Familia. Então, no Recife, Tobias Barreto e Castro Alves degladiavam-se valorosamente,—na malfadada rivalidade fecunda que os inimizaria para sempre,—acclamados, queridos, na effervescencia energica e soberba das organizações juvenis,—exaltados pela fanfarra bellica dos voluntarios que regressavam do Paraguay.

O Dr. Justiniano para logo se impoz á admiração dos contemporaneos academicos n'uma brilhante estrea, pelas columnas do mais bem redigido jornal daquella Provincia,—captando a sympathia e os applausos de todos. Tal foi o preludio de uma longa e rumorosa serie de triumphos que se perpetuariam com os annos, dando ao auctor o merecido conceito de polemista galhardo. Com Sylvio Romero, fundou a *CRENÇA*, (1870)—periodico litterario, em que Tobias Barreto publicou substanciosos artigos, ultimamente incluidos nos *Estudos Allemães*. Foi orador de diversas agremiações litterarias, sempre applaudido em seos discursos, em que arrebatava o audictorio com a sua palavra fluente e imaginosa de tribuno sympathico e adoravel.

Em 1871 voltou a Sergipe,—(era então presidente da Provincia o General Cardozo Junior)—tirando por essa occasião, em concurso, a cadeira de Inglez, no Atheneo Sergipense. Ahi foi sempre o incansavel agitador litterario que no Recife se manifestara, luctando com abnegação e denodo pela regeneradora causa sublime da Intelligencia. Cazou-se, nesse mesmo anno, na cidade em que nascera, com a Exma. Snra. D. Thereza Paiva de Mello e Silva.

Em 1874, foi ao Rio Grande do Sul convalescer de acerba e grave molestia que o prostrara, sendo lá cavalheirosamente recebido na melhor sociedade rio-grandense,—redigindo com proficiencia incontestavel o *Artista* e, depois, o *Diario do Rio Grande*, e servindo como orador em uma das lojas do GRANDE ORIENTE.

Esteve mais tarde em Montevideo e Buenos-Ayres, regressando ao Rio de Janeiro em 1876, vindo no mesmo anno, com a familia, para este Estado,—como Secretario do Governo, quando presidente da Provincia o Dr. Lamenha Lins. Alem do cargo para que fôra nomeado pelo Governo geral, occupou aqui, por varias vezes, diversas cadeiras do Instituto paranaense, sendo depois nomeado lente de Pedagogia para a Eschola Normal. Tem redigido com energia e talento diversas folhas publicadas nesta Capital, como o *25 de Março* (1876), o *Paranaense* (1877), o *Jornal do Commercio*, o *Sete de Março* (1878-1890); abrilhantou as columnas de ephemero periodico

que redigi,—a *Revista Azul* (1893),—sendo actualmente um dos mais preciosos collaboradores desta Revista.

Na inspiradora calma inviolavel do gabinete tem elaborado e concluido valiosos estudos,—infelizmente ainda ineditos,—como sejam : o *Direito Criminal*, *Leis da educação*, *Educação pelos instinctos*, *Historia da Revolução no Paraná* (1894).

Escreve actualmente, com o ardor e a perseverança que o caracterizam, um trabalho preciosissimo : *Fetichismo e Idolatria*. E' essa uma obra complexa e completa, firmada em leis irrefutaveis, que levará á Sciencia e á Philosophia novos methodos de Investigação e Analyse.

E' o Dr. Justiniano de Mello um dos mais notaveis eruditos que têm palmilhado terras paranaenses, onde ha trabalhado com perseverança e criterio, assaz contribuindo para a civilisação do Estado. Tem sido eleito em quatro legislaturas, impondo sempre na Assembléa a sua personalidade insinuante e respeitavel de cidadão honesto.

Accessivel, jovial, despretencioso,—recebe sempre com meiguice e bondade os moços que o procuram, animando-os, orientando-os, guiando-os por vezes,—sem as pretensões obtusas dos enfatuados mediocres, encastellados no parvo orgulho dos imbecis sem talento e na apparatusa ignorancia bimbalhante dos polichinellos da Litteratura. Franco, independente, impecavel,—não tintinambula os sinos da lisonja que effemina e degrada ; explica, elucida, deslentejoula o symbolo phantasmagorico da Gloria fugitiva, esvurma as pustulas da Sociedade, o fraticidio inconsciente da turba, anquilosada pela sordicia alvitante das paixões perversas.

Vive o Dr. Justiniano de Mello arredado inteiramente ao convivio social,—na confortalecedora tranquillidade do lar, com os seus livros dilectos e as suas meditações sanctissimas e confraternizadoras. Não é um pedante que lê para se impôr mais facilmente aos ingenuos ; é um sabio que estuda, porque idolatra o estudo, e «conhece o quanto ignora».

DARIO VELLOZO.



OS INSTINCTOS

Na religião, na historia e na poesia

O homem adorou a principio os *brutos*, e com os brutos a arvore, o bosque, a pedra, o rio, a montanha, pois o seu deos se emmoldurava em todos os objectos da natureza. Porque isto? Porque de um lado, o sentimento religioso era como uma *sympathia* illimitada e ardente, como um amor desvairado, que se prendia a todos os seres; e de outro lado, o homem via, observava nos animaes e nas plantas, na fauna e na flora, aquillo de que elle carecia para escapar ás causas de destruição que o sitiavam: esse *instincto infallivel*, que acerta sempre, que transpõe de um salto as distancias e os obstaculos, consegue todos os fins, emquanto a intelligencia humana, ainda incerta e titubante, hesita e succumbe. Ao passo que o *rei da natureza* dobrava-se sob as injuncções da necessidade e estatela-va-se na pugna, o verme rasteiro passava a vida branda e feliz dos ociosos de hoje. O Boschimão, esse povo degradado da Africa austral, considera-se, não superior, mas igual aos animaes; mas houve tempo em que elle, escarmentado pelas decepções incessantes na sua lucta com a natureza, na sua faina suarenta para subtrahir-se á fome e ás intemperies, para crear alguma cousa de humano e progressivo em meio da immobildade moral de todas as cousas, julgou-se muito inferior a esses seres que povoavam os lagos e as florestas, que construiam maravilhosos ninhos e refugios, ou salteavam a prêa na solidão monotona dos bosques. Muita vez, por certo, elle seguiu confiante a pista dos animaes, estudando o methodo engenhoso de dar caça ás suas divindades, de ascender as arvores para apoderar-se dos fructos, de galgar os rochedos alpestres para surprender as aguias e os falcões.

O bruto era,—quem o duvida?—o mestre e o conselheiro do homem, e este o amava e admirava, mas por vezes o temia.

A religião não é na origem, na infancia dos povos, uma arida abstracção ; mas a immersão mesma do espirito nos phenomenos e nas creações da natureza. E' o reconhecimento de um facto evidente, palpavel, immediato, e não uma fuga, um vôo desvairado para o desconhecido. Quem hoje penetra na costa de Guiné e pode entrever o sanctuario do fetichismo africano, occupado por uma multidão de deuses que se rojam pelo chão em liberdade, ou se enroscam nos altares ; quem sabe quão generalisado é o culto da *serpente* e milagrosa a divindade que foi adorada na India, na Phenicia, no Egypto, em Babylonia, na Grecia, na Italia, no Mexico, e dicta ainda a lei em varias regiões da Asia e da Africa, não dirá que a phase do naturalismo religioso é aquella em que o homem «*colloca em todos os logares espiritos pessoas concebidos á sua imagem*». Está ainda longe o crente de pensar em seo proprio ser, em seos attributos e direitos, de encarnar-se e reflectir-se nos seos deoses.

O anthropomorphismo não se compadece com a simplicidade do selvagem ; elle apparece na historia associado ás mais avançadas civilisações e proporcionado ao incremento do poder politico ou da escravidão das massas humanas. E' este o momento da *idolatria*, em que se manifesta a subordinação da *crença* ao *preceito*, da *espontaneidade* á *reflexão*, do *sentimento*, vivaz e fecundo, á *tradição*, inflexivel e oppressora.

Não houve transição, como suppõem os ethnologos, do *fetichismo* para a *idolatria*, nem se operou até agora a fusão entre os dous systemas religiosos, que continuam separados e antagonicos. O selvagem (é assim que se raciocina entre os competentes), que adora a um animal ou á uma arvore, não podia recuar perante o absurdo de adorar os seos semelhantes. Segundo as nossas ideias modernas, isto é assim mesmo ; mas é preciso advertir que muito se enfraqueceo esse instincto primitivo, essa força intacta do sentimento, substituida em nós outros pelos habitos adquiridos e pela razão. A religião das tribus selvagens, aquella que ainda vive entre as nossas classes e populações menos cultas, não tem formulas e canones, mas denuncia um trabalho interior sempre renovado e perenne. Esse fetichismo, que sobreviveo á queda das instituições primitivas, rompe de tempos a tempos o concerto das ideias recebidas e impostas pela tradição religiosa ; e chamem-no *magismo*, *mysticismo*, *heresia* ou *impietade*, não é menos certo que elle não acceitou ainda nenhuma transacção ou accôrdo duravel.

Lêde a historia dos *cultos*, das religiões reveladas. Todas

as vezes que se vos deparar a revolta, o protesto do homem contra a divindade consagrada ou contra a theologia das classes dominantes, fica certo que estas manifestações tão naturaes ao coração humano, têm as suas raizes no *fetichismo*. Conta Dulaure, na sua *Historia de Paris*, estribando-se no testemunho do chronista Raul Tortaire, que um senhor chamado Adalard, advogado (*avoué*) da Igreja de Arvincourt, em vez de proteger essa Igreja, pilhava-lhe os bens, e que uma mulher desse logar, revoltada contra semelhante iniquidade, foi ao templo, levantou os pannos que cobriam o altar e o ferio vigorosamente, apostrophando por esta forma ao patrão S. Benedicto :

«*Benedicto, velho preguiçoso, caiste em lethargia ? que fazes ahí ? porque soffres que aquelles que te servem sejam acabrunhados de ultrajes ?*»

Esta anedocta tem similes innumerados nas relações dos viajantes sobre os povos da Africa, da America e da Oceania. Na China, diz Astley na sua *Collecção de Viagens*,—entre o povo, se depois de longas orações dirigidas aos seus idolos, os crentes não obtêm o que desejam, como bastantes vezes acontece, elles os põem á porta como deoses impotentes ; *outros os tratam peor ainda, os injuriam e algumas vezes os batem*. E' para o selvagem ponto de fé que *deuses surdos ás supplicas dos homens, não valem nada*. Ajoelhando diante dos seus fetiches, innumeradas populações os comem, embora algumas vezes se desculpendo para com as mesmas divindades da sua irreverencia. Um negro intelligente disse uma vez a certo Europeo, que narra o facto nas memorias de sua excursão :

«Se um de nós resolvesse aprehender alguma cousa de importante, a primeira cousa que faz é procurar um deos que o ajude em sua empreza. Neste intuito elle sae e toma por deos a primeira creatura que se apresenta, um cão, um gato, ou a creatura mais despresivel do mundo ; talvez mesmo um objecto inanimado que se acha em seu caminho, uma pedra, um pedaço de pão, ou o quer que seja, não tendo isto importancia. Elle offerece immediatamente uma dadia a esse novo deos, explica-lhe a sua empreza e faz-lhe o voto solemne que, se for bem succedido, o considerará e adorará dora avante como seu deos. Se é feliz na empreza, elle descobrio uma nova divindade muito util a quem faz cada dia novas offerendas ; se o contrario, porem, acontece, elle refuga o novo deos como a instrumento inutil, e o considera como simples pedra sem nenhuma virtude divina. Nós fazemos e desfazemos diariamente os

nossos deoses, e somos por consequencia os inventores e os senhores do que adoramos.

Não nos affastamos da verdade historica, dizendo que o fe-
techismo foi a religião dominante no Brazil colonial, mesmo
entre os conquistadores.

O nosso João Francisco Lisboa, retrahendo os acontecimen-
tos da epoca anterior á administração do marquez de Pombal,
no Estado do Grão Pará e Maranhão, diz no terceiro volume de
suas obras :

«A educação e instrucção civil e moral do povo era nenhu-
ma, a da classe dos nobres e cidadãos quasi nulla. Tudo se re-
duzia a algumas praticas religiosas meramente exteriores e a
poucas escolas elementares regidas por Jesuitas. Ao desenvol-
vimento da intelligencia punham-se estorvos, perseguindo-se
nas devassas os *homens versistas*, como fabricantes de satyras
e pasquins contrarios ao decoro dos governantes. Assim as a-
busões e superstições pullulavam por toda parte, punham os
feiticeiros a bom recado, regulamentavam-se as bruxas, e os
religiosos de S. Antonio intentavam accção de força as formi-
gas ou saúbas para as fazer despejar da sua cerca. A barbaria
finalmente na época da expulsão dos jesuitas invadia por tal
modo a população, que *banida já a lingua portugueza, só da
geral ou tupica se fazia uso até nos mesmos pulpitos.*

Já se vê que a raça vencida poude reagir moralmente con-
tra os invasores, contaminando-lhes as ideias religiosas e im-
pondo-lhes durante um tempo consideravel a lingua litteraria.
A lei, segundo a qual operam-se semelhantes reacções, já foi for-
mulada pelo naturalista W. Edwards : «Quando uma nação che-
ga a submeter uma outra, de raça differente, ao seo poder, e se
estabelece no meio della, o povo vencedor, ao fim de um nu-
mero mais ou menos grande de gerações, é absorvido pelo
povo vencido e este phenomeno é de facil explicação... E' que
o povo conquistador, sendo quasi sempre menos numeroso que
o povo conquistado, este ultimo domina necessariamente nos
cruzamentos e acaba por anniquilar o elemento estrangeiro.»

Entretanto se a fusão ethnica não offerece difficuldades, a
fusão moral, das ideias e dos sentimentos, não se opera de mo-
do completo. O antagonismo que parece adherente ao tecido
mesmo da historia e que nos representa a sociedade como im-
pellida por duas forças oppostas, e lançada ao theatro de luc-
tas incessantes ; essa contradicção que se affigura como a con-
dição da civilisação e do progresso humano, não serão echos
apagados, repercussões mais ou menos sensiveis desse primei-

ro choque violento entre raças e povos, que se assimilaram pelo sangue, mas que affirmam ainda a sua incompatibilidade por phenomenos visiveis e irrecusaveis? Em todo caso, o *fetichismo* e a *idolatria* estiveram, e estão ainda separados, não só pelo sangue da conquista, como tambem pela distancia que medêa entre a infancia e a senilidade dos povos e das raças. Nos imperios que desfallecem, nas nações que parecem tocadas pelo dêdo da morte, ha como um vacuo no coração, na séde dos instinctos. Mourejam para enche-lo as nacionalidades decadentes, as raças moribundas, mas todos os thesouros da reflexão e da sciencia não bastam para restabelecer o rythmo do organo doente, do musculo inerte e vasio. Isto que chamamos impropriamente *superstições*, é o lote das almas simples e profundas, das naturezas ricas e pujantes, em que a *instinctividade* sobreleva a *reflexão*. Aquelle que acredita nas virtudes mirificas de uma reliquia ou de um talisman, transmite a sinceridade das suas crenças aos seus actos e pensamentos; mas não se julga menos livre, porque domina e não é dominado pelo seu deos.

O fetichismo não podia vencer, impor o seu conceito original da vida, senão pela força ou pelo maravilhoso. Pela força, não; abstrahindo mesmo das condições materiaes em que se acharam e se acham os sectarios dessa doutrina, uma religião sem fanatismo, é pacifica, e o fanatismo surge quando a razão é dominada pelo mysterio. Todas as ideias que podem ser analysadas por aquelles que as defendem, que nascem da observação e da comparação dos factos, não geram fanaticos. Essa *raiva santa* dos crentes é propria das almas que recusam, que fogem ao exame e á discussão. E' infelizmente uma herança da educação idolatra, da conquista insensivel do mysterio sobre a razão. O milagre veio: a primeira palhoça ferida pelo raio, o primeiro vulcão que vomitou chammias, foi uma glorificação, podemos dizer, do *fetichismo*. Todos os systemas têm confiança em suas experiencias incompletas. A confiança cede o lugar á indifferença depois que a synthese se alarga para comprehender todos os casos particulares. O que então a lei é para o experimentador, um estado de repouso do qual se parte em outras direcções, é o *dogma* para o crente que acompanhou a formação lenta e successiva de suas crenças. E' por isso que a degeneração e a ruina das religiões succedem necessariamente á fixação dos dogmas. Não foi difficil ao fetichista diante do phenomeno do *fogo*, que devia produzir uma revolução immensa nas crenças e nos habitos, de-

monstrar a superioridade de sua doutrina sobre o puro *naturalismo*, e entrou o fetichismo assim a plenos pulmões como um organismo viavel a respirar o ar ambiente. E' verdade que então os factos tinham muito encanto, para que o homem tirasse orgulho das suas descobertas. Não é de suppor, como aliás se tem dicto, que muitas idades decorressem antes que o homem se familiarisasse com o *fogo*. A religião havia-o preparado para esse uso ; e o fetichismo, que adoptava a crença da transmissibilidade, da circulação da vida, que esboçava os rudimentos do animismo metaphysico e christão, foi immediatamente ao encontro do novo agente, que vinha trazer á doutrina o mais inconfutavel testemunho. Se a descoberta do fogo dependera de um accidente imprevisto e podia ser mais ou menos retardada entre as populações primitivas, a opinião fetichista surgira com a primeira comparação entre os phenomenos da vida, com a primeira contradicção notada entre as percepções naturaes e as percepções adquiridas. E era já rico o espolio das acquisições deste genero : os phenomenos da morte, do somno e do sonho, da successão e da volta das estações, do calor e do frio, da geração, do aquecimento e resfriamento dos corpos, da aparição e desaparicação da luz, e, por ultimo, do *fogo*, eram sufficientes para gerar e consolidar a crença nesse *vitalismo transformista*, que reside no fundo da religião dos primeiros homens.

Poder-se-hia objectar que algumas populações selvagens não sabem contar pelos proprios dedos, e, portanto, muito menos se elevariam a concepções que supõem cultura mais longa ou mais intensa. A psychogenese infantil responde aos contradictores :—a criança sympathisa, ama e admira, distribue mentalmente os factos, no tempo e no espaço, distingue entre as impressões, exprime os seus desejos, age e combina cousas diversas, antes de poder contar nos dedos e de ter a ideia abstracta de numero. Referindo-se á *religião* dos povos primitivos, os ethnologos deviam accordar-se sobre a significação precisa dessa palavra neste caso particular. Ora, ninguem dirá que o fetichismo supponha um estado de espirito mais perfeito que o observado na criança : ella affaga e quebra os objectos que excitaram a sua concupiscencia, leva o dedo á chamma que a diverte, exige imperiosamente d'aquelles que mais ama a satisfação dos seus caprichos, exprime o seu prazer ou o seu enfado, e quando percebe a opposição entre as suas primeiras observações e os resultados de uma experiencia mais longa, procura construir o seu systema de interpretação, que ella applica indistinctamente a

todos os casos e situações. E' o primeiro momento de reflexão para o menino ; é a primeira sciencia, o que equivale a dizer, a primeira religião propriamente dicta do selvagem. O puro naturalismo acaba de ser transposto : começou o *periodo cogitativo* das religiões.

Em torno do *fogo*, silenciosos e graves, os mais velhos habitantes do globo, que tanto se parecem com os mais jovens, sentiam nas noites de inverno o conforto dessa chamma, ora brilhante e fragueira, ora bruxoleante e fumosa, que lhes traçava em caracteres extranhos a historia de um mundo desconhecido. Ahi estavam os *gnomos* e os *djinns* desses povos infantes, a circularem o quadro phantastico da transsubstanciação da vida vida que se concentra e se espalha, que refulge e se eclypsa, que aquece e devora, que se exalta e se esfuma. O sonho era como a chamma no seio da materia immovel, do lenho sècco ou da marcasita ; e por que a morte seria o estado ultimo, definitivo dos corpos, se a vida é como o fogo que se apaga, mas que tambem se conserva e se transmite ? O fetichista não duvidava : a vida dos animaes e das plantas dependia *necessariamente* desse *fogo*, que devia ser guardado com tanta fadiga. Se a faísca, trazida no bojo da nuvem procellosa, morria, para mais tarde reacender-se, porque a luz, que brilhava na pupilla, agora coberta de sombras, não seria levada pelo nevoeiro para reapparecer nas montanhas longinquas ? E se não alimentado o fogo, as trevas se faziam, não era justo que o mantivessem sempre accêso sobre as sepulturas dos que foram...? Não era isto forçar a união interrompida da *alma* e do *corpo*, ou, antes, do *fogo* e da *materia* inerte ? E porque a materia, sob todas as suas formas, não seria animada, se aquillo que é hoje morto, gosou hontem da vida, e se aquillo que hoje respira, amanhã deverá dormir um somno sem termo ? Não, no cadaver ha uma vida, que dorme ; não, na pedra ha uma vida, que se occulta.

Agora, que vemos o *fogo* como o centro de todas as atenções selvagens, podemos explicar porque o *Tupy* vence longas distancias para vir entreter uma chamma sempre viva sobre o jazigo dos seos pares ou dos seos maiores. Achareis entre as populações italicas e gregas, achareis no Oriente esse *fogo sagrado*, que não póde extinguir-se, estreitamente unido ou confundido com o culto dos *deuses lares*. Os Vedas tinham o fogo sagrado como a causa da paternidade masculina. A geração, diz Fustel de Coulanges (*A Cidade Antiga*), estabelecia um laço mysterioso entre a criança que nascia á vida e todos os deuses da familia. Esses deuses eram a sua propria familia, *eram o seo sangue*. A

religião domestica só se propagava de macho a macho. *Isto prendia-se sem duvida á ideia que os homens tinham da geração.*» Já vimos que a conclusão do historiador francez, aliás colhida num minucioso estudo dos documentos antigos, resalta da doutrina fetichista. Na antiguidade pagã, *fogo e penates*—são palavras que se applicam ao mesmo culto domestico.

O maximo da influencia fetichista apparece na incineração dos cadaveres entre os povos antigos. Uma lampada era posta sobre a sepultura, para onde se retiravam durante dias os parentes do morto. Os aborígenes do Brazil tambem entretinham o fogo sobre o jazigo dos mortos, vigiado durante certo tempo pela familia ; em Roma, levavam-se jantares a cada tumulo, onde se derramavam o leite e o vinho ; entre as nossas raças selvagens provisões de comida eram consagradas aos manes do finado. Corriam os Tupys estacas transversaes em torno da cova, no que procediam á maneira dos Gregos, indicando esta circumstancia que elles consideravam as sepulturas como verdadeiras habitações. As tumbas etruscas, mais ainda do que as romanas, assemelhavam-se interiormente á casas ; e essa ideia de habitação depois da morte reapparece nas urnas funerarias, algumas das quaes apresentavam fórmulas graciosas, como que evocando no espirito do observador pensamentos risonhos. Em tudo, nos usos como nas ideias, a vida occupa o ponto dominante, e com ella o *fogo*, este symbolo da solidariedade physica, que poderíamos chamar o estandarte sagrado do fetichismo. Quem leo a obra de Kuhn sobre o mytho do fogo, sabe quantas applicações esse agente physico recebeo nos cultos de todos os povos, não excluido o christianismo.

Se attendermos ao gráo de attenção que as religiões consagram ao problema da vida e do universo, o *fetichismo* sobreleva ao seu emulo, a *idolatria*. A idolatria, ou, antes, a sua forma mais poetica, o polytheismo greco-romano, não cogitou do problema da criação : a philosophia fetichista, entretanto, é a precursora do empirismo scientifico e foi o primeiro passo para as investigações desinteressadas e audazes. A moral fetichista subordinava o individuo e a familia á tribu, onde o culto do fogo não tinha um carater pessoal e domestico, profundamente egoistico, como entre os idolatras, os quaes romperam (provavelmente pela conquista) o laço social primitivo, para se acolherem á sombra protectora dos seus penates, e separaram-se dos seus irmãos para só cuidarem de si mesmos. Levantou-se assim no seio e ao lado da tribu a muralha da *religião*; quando esta anteriormente cingia-os em toda a extensão dos interesses e direi-

tos da communidade, protegendo-os contra os mesmos inimigos e terrores. Assim, o systema social primitivo alterou-se profundamente : aquelles que não pertenciam á familia, eram estrangeiros, impuros, repellidos pelos deuses domesticos ; era funesto o seu contacto, nenhuma prece, nenhuma sympathia, nenhuma piedade para elles. No ponto de vista theologico, houve ainda regresso : o *deos*, que se confundia com a natureza, que era um ser natural, omnipresente, communicativo, sociavel, passou para um mundo á parte, tornou-se sobrenatural e metaphysico, transmigrou da terra para o céu, mostrou-se despótico, carrancudo, exigio sacrificios de sangue, templos, estatuas, perfumes, actos de subserviencia.

Convem ler um topico da narração de Cardim sobre os costumes dos primeiros habitantes do Brazil : «As casas em que habitam são construidas de modo a poderem conter de cem a duzentas pessoas ; cada casal em seu rancho sem repartimento nenhum, e todos ficam como em communidade..., porem *é tanta a conformidade entre elles que em todo o anno não ha uma pelleja ; e com não terem nada fechado, não ha furtos ; se fôra outra qualquer nação, não poderiam viver da maneira que vivem, sem muitos queixumes e desgostos e ainda mortes, o que se não acha entre elles.*» Compare-se este estado da familia selvagem, tão favoravel aos progressos da sociabilidade mais larga, que se encerra no amor da patria e da humanidade, com o que nos apresentam os povos idolatras, que affixavam o preceito barbaro da incommunicabilidade das familias e das castas, para quem a fusão em um só todo moral e social era um crime contra a religião. Não sabem dizer os historiadores como esses grupos, sem laço social visivel, separados pelo culto, chegaram a formar a *phratría* e a *curia*. Não vêem elles que o systema, que mais tarde devia ser reproduzido sob outro aspecto pelos conquistadores germanicos e gerar o *feudalismo*, era contrario, inconciliavel com as tendencias e usos primitivos, e sendo, portanto, um producto artificial, oriundo da decadencia religiosa, devia desaparecer diante das necessidades mais geraes como as da defeza contra inimigos communs. E' preciso considerar que toda decadencia religiosa repercute immediatamente sobre o laço da homogeneidade social, determina a separação, o fraccionamento, o antagonismo, onde ha pouco existiam a concordia e a solidariedade moral. Aquelles que, desde Vico, procuram a raiz das instituições sociaes e politicas na ideia religiosa (confundindo-a erroneamente com as formas do culto), não viram que a religião atravessava já uma phase de decadencia no

momento em que começaram a fixar-se os primeiros esboços da cidade e dictavam-se as primeiras *regras* do direito.

Este facto resalta do confronto entre as formas incompletas da sociedade selvagem, taes como as vemos ainda, e os mais antigos modelos das sociedades civilisadas reveladas pela historia.

Pode-se notar que as instituições civis e politicas não foram calcadas sobre o modelo da tribo, mas sobre o da familia, o que é um regresso ; nem se inspiraram ellas nessa igualdade fundamental, que caracterizou as primeiras associações entre os homens. Dahi o typo aristocratico dos primeiros codigos escriptos, civis e religiosos ; dahi a pugna historia entre as classes e cathegorias sociaes, entre os exploradores e os explorados, entre os governados e o governos. Assim como a physiologia moderna descobrio que nenhum laço necessario existe entre a ideia e a linguagem, podemos tambem dizer que nenhuma relação dessa ordem se trava entre o *instincto* religioso e o *dogma*, e do mesmo modo entre a religião e as instituições civis de um povo. O sentimento religioso é apenas o terreno proprio para essa nova vegetação. Tambem guardemo-nos de suppôr que as religiões manifestam a sua vitalidade pela progressão crescente dos symbolos, dos dogmas, dos mysterios e de todas essas formulas que lentamente se lhes annexam. São addições que acabam por fazer esquecer o nucleo primitivo ; são revestimentos successivos que encobrem e apagam o sello da construcção antiga.

Quando começa a faina de preservar a doutrina da deterioração do tempo, quando se redigem as biblias e os missaes, a decadencia tambem começou para o elemento intellectual das religiões. Haja vista o christianismo, cujo desfallecimento data do terceiro seculo.

Não ha, porem, como desconhecer a vivacidade do instincto religioso: é ao seo calor que têm logrado diuturna existencia as mais extravagantes phantasias, as concepções mais funestas do espirito humano. A consumpção dos dogmas, a ataxia dos cultos, os trismus da moral e do sentimento, não puderam ainda attingi-lo, e hoje nos parece mais viçoso do que o fora nunca. Mas elle obscurece-se, contrahe-se á maneira de certos orgams, que se atrophiam para que outros se desenvolvam ; como o sentido que se debilita para que outros se agucem.

Dizem que a Grecia agio sempre sob o influxo de tres moveis : o *temor*, o *interesse* e o *amor do bello* ; dahi a grandeza da sua civilisação, que não foi exclusivamente militar nem industrial,

mas *militar, industrial e esthetica*. O facto absorvente, o *punctum saliens*, que lobrigamos nos mais antigos monumentos da historia, é o *temor*, mas o temor temperado pelo *interesse*. O amor do bello foi na Grecia uma reacção contra a disciplina religiosa, que é um fructo da conquista. Não se pense que os Hellenos permaneceram idolatras, ou, melhor, que tivessem passado definitivamente, no periodo aureo de sua civilisação, do *fetichismo* para a *idolatria*. A historia emmudece a respeito, porque os historiadores não attentaram para o facto, aliás irrecusavel, de ser a *idolatria*, não um progresso sobre o *fetichismo*, mas um culto, um systema de formulas com que se reveste a religião dos conquistadores. Os deoses da Grecia desciam incessantemente do ceo á terra, e o Olympo era como um Areopago, que differia do seo modelo terrestre somente pela circumstancia de nelle ser admittido o artificio oratorio e os motivos patheticos para enternecerem e determinarem o voto dos juizes immortaes. As mais imponentes divindades não derogavam do seo ministério sagrado, participando, sentindo e exprimindo as paixões humanas; e não raro entravam nos combates travados entre os mortaes para serem derrotados e feridos.

Os guerreiros da *Illiada* têm muitas vezes como escudo o corpo de uma potestade celeste; e Ulysses, na *Odysséa*, quando arrosta a tempestade, cobre-se do véo encantado de Leucotoe, que o faz derivar incolume sobre a superficie das ondas. Os heroes de Homero são selvagens semelhantes aos nossos *Mundurucús*. Heitor implora com voz extincta a piedade de Achilles, e este responde: «Cão, que és tú, não me supplices por meus joelhos, pelos dos meus paes, e ai de mim! que não tenho a força e a coragem de devorar tuas carnes palpitantes, a ti que tanto mal me causaste: não, não, nada affastará da tua cabeça os cães insaciaveis.» Ulysses, o mais sabio dos gregos, não cora, não se sente contrariado, apparecendo em estado de nudez completa aos olhos de Násica, filha de Alcinous. Patroclo quebra com uma pedrada a cabeça de Cebrião, que conduzia os cavallos de Heitor, e exclama, rindo cruelmente ao vê-lo cair do carro: «Grandes deuses! eis um homem agil! como elle sabe dar o seu mergulho!... Sim, se elle estivesse em algum ponto do mar piscoso, poderia saciar de peixe os seus convivas, atirando-se do navio para procurar ostras, mesmo em tempo de borrascas; porque, notae como na planicie elle mergulha perfeitamente, saltando de cima do carro. Por certo que os Troyanos tambem não carecem de mergulhadores!» Quando as tropas inimigas estavam occultas em uma nuvem espessa, e por

isso Ajax não podia assignalar a sua intrepida coragem, elle dardejou esta apostrophe contra o pae dos deuses : «Jupiter, livra da obscuridade os filhos dos Achêos ; restitue a serenidade ao dia ; permite que nossos olhos enxerguem, e extermina-nos se é do teu gosto, á claridade, pois desejas que morramos !» La-Motte traduzio por estas palavras a queixa de Ajax : «*Grand dieu ! rends nous le jour et combats contre nous.* Mais energica, e talvez verdadeira, é a versão de Boileau :

*Grand dieu, chasse la nuit qui nous couvre les yeux,
Et combats contre nous á la clarté des cieux...*

Reconhece-se nessa religião e nesses crentes o *fethchismo* e os *selvagens*. Tinha razão Volney quando se dizia impressionado pela analogia que observava entre os indios da America do Norte e os antigos povos tão vangloriados da Grecia e da Italia. Elle notava que as tragedias de Sophocles e de Euripides pintavam quasi litteralmente as opiniões dos *homens vermelhos* sobre a necessidade, sobre a fatalidade, sobre a miseria da condição humana e sobre a dureza do cego destino. Entretanto, por que nos apraz a leitura de Homero e dos tragicos da Grecia? Um critico moderno, Eugenio Veron, entende que o prazer intellectual causado pela leitura da Illiada, está no leitor e não no poeta. Queria significar por esse assêrto que as influencias da educação litteraria e classica sobrepunham-se á emoção verdadeira causada pela leitura de scenas em que os deoses e os homens appareciam de modo ridiculo ou lamentavel, em face de nossas ideias modernas. Semelhante explicação collide com os factos : a nossa educação litteraria torna-nos desdenhosos dos autores que concorreram para amargurar-nos a infancia. O livro por que aprendemos na escola não exercera nenhuma influencia sobre o nosso espirito adulto, a menos que não seja o da repugnancia e do tedio. E como aquelles, que nunca aprenderam o grego, sentem-se intimamente abalados á leitura de uma versão dos poemas de Homero ?

A causa dessa impressão agradavel, sentida pelos leitores da *Illiada*, está em outra parte. Se a poesia foi, como não se pode duvidar, a linguagem primitiva do homem, tambem o *instincto* foi a primeira projecção da alma humana para o mundo exterior. Se o *instincto* affirmou-se desde logo, nas origens da civilisação, os mythos, as allegorias, as ficções, os emblemas, foram as mais adequadas representações dessa phase psychologica em que as sensações forneciam o elemento formal das ideias, em que o coração tornára-se, para assim dizer, o modelo segundo o qual se talhavam os discursos. Se o canto foi o pri-

meiro discurso, os movimentos impetuosos, violentos, da alma selvagem, foram o thema favorito da eloquencia e da poesia, a nota dominante desse dialogo musical travado entre a visão e o sonho, entre o real e o imaginario, entre a sciencia e a religião do homem primitivo. A metaphora não poderia ser a principio um jogo, um capricho do espirito, mas um dado necessario, sem o qual a linguagem mesma não teria realidade objectiva. Aquelle que hoje lê os poemas da antiguidade transporta-se exactamente para esse meio, onde toda a reflexão abrevia-se de espontaneidade, onde toda expressão, toda imagem é ao mesmo tempo uma força e uma necessidade do espirito. Eliminae do cerebro do poeta, essa *instinctividade* expressiva, essa *receptividade*, que reage e que transforma as impressões dos factos, e tereis estancado a origem mesma da poesia. Os typos poeticos apparecem onde a realidade não é bastante oppressiva, para cingir-nos á stricta observação das cousas; onde a abstracção não é bastante livre para arrancar-nos ás emoções doces ou penosas, geradas pela contemplação da vida. Ora, o mundo em que essa dupla condição psychologica se realisa, onde se produz essa identificação de contrarios, é o *mundo selvagem*; e agora comprehende-se porque um celebre naturalista, Virey, affirma que entre os selvagens é que havemos de buscar a verdadeira eloquencia e alta poesia. Nos canticos biblicos, tudo quanto seduz e abala a imaginação, tudo quanto tem para nós um character de alta poesia, liga-se a esta ou áquella circumstancia da vida selvagem. O *Livro de Job* parece uma descripção da vida dos nossos indios, após a devastação e a ruina produzidas pela conquista. Ahi ha um personagem, *sentado num monturo, raspan-do com um pedaço de telha a podridão das chagas causadas por arte de Satanaz*. « Tres amigos de Job, tendo ouvido todo o mal que lhe tinha succedido, vieram cada um do seu logar a verem-no. Tendo, pois, de longe levantado os olhos, não o conheceram e exclamando choraram, e *rasgados os seus vestidos lançaram pó ao ar sobre as suas cabeças. E se assentaram com elle na terra sete dias e sete noites, e nenhum lhe dizia palavra: porque viam que a dôr era excessiva*. » Não é uma scena de maloca tapuya?

O elemento humano, disse Schiller numa das suas cartas a Goethe, está sempre no começo da poesia. Este conceito se aclara, se considerarmos que o poeta como o artista, submette á sua phantasia as divindades que se lhe deparam, e assim fizeram Moysés e Homero, Phidias e Raphael, Dante e Miguel Angelo, Byron e Milton, Goethe e Leonardo de Vinci. Facto curioso e

ao mesmo tempo instructivo, é o que se nos offerece na acção educadora da esculptura e da architectura entre os gregos. As crianças, nos primeiros annos, não aprendião o que chamamos os elementos da instrucção ; mas transportavam-se aos templos, onde lhes faziam admirar as obras mais perfectas das artes plasticas. Os idolos tornavam-se por esta forma os preceptores da infancia, e o genio dos artistas, creando typos divinos, bellos e magestosos, produzia essa emoção esthetica sem a qual a educação se materialisa. Ora, o principio religioso correspondente á essa phase, que chamaremos aurea, da concepção artistica, é o que se tem denominado *fetichismo*. Então a poesia, a esculptura e a architectura, não imitam, não cingem-se a modelos fixos, uniformes, não engendram, concebem livremente e realisam. Confrontemos esse momento da arte com o que se caracteriza pela submissão do talento a formas prestabelecidas, á disciplina fixada por uma casta sacerdotal, aos canones inamoviveis da idolatria.

Alexandre de Humboldt, no seu livro—*Sitios das Cordilheiras*—surprende essa phase retrograda da estatuaria entre os Mexicanos : «Entre os Mexicanos a ferocidade dos costumes sanccionada por um culto sanguinario, a tyrannia exercida pelos principes e pelos padres, os sonhos chymericos da astrologia e o emprego frequente da escriptura symbolica, parece terem singularmente concorrido para perpetuar a barbaria das artes e o gosto pelas formas incorrectas e feias. *Esses idolos diante dos quaes corria diariamente o sangue das victimas humanas, essas primeiras divindades creadas pelo terror, reuniam nos seus attributos o que a natureza offerece de mais extranho.* O caracter da figura humana desaparecia sob o peso dos vestidos, dos capacêtes, das cabeças dos animaes carnivoros, das serpentes que envolviam o corpo.» Tambem já dissera Platão sobre o Egypto : «Desde que os modelos foram expostos no templo, não é permittido aos pintores, nem a qualquer daquelles que devem por officio representar esta ou aquella forma, de nada mudar ou de affastar-se num apice sequer do que foi regulado pelas leis do paiz. Essa prohibição subsiste agora quanto ás representações e ao producto das artes. Assim, se prestardes attenção, vereis que as pinturas ou as esculpturas feitas desde 40.000 annos não são em nada mais bellas nem mais feias do que as realisadas em nossos dias, e que ellas são trabalhadas segundo a mesma arte...» Bem que este juizo de Platão deva ser entendido com certas restricções, pois houve phases diversas de brilho e decadencia nas artes egypcias ; não é menos seguro que os momentos de pros-

peridade relativa da pintura e da escultura, coincidiram com a liberdade que de tempos a tempos coava através dos poros desse monumento de despotismo civil e religioso, qual era o paiz dos Pharaós.

A educação systematica, inflexivel, que subordina o pensamento a formulas e prescripções inalteraveis e sagradas, assigna-lha o momento em que o despotismo religioso e politico se sente forte e consolidado, em que a tradição prevalece contra a liberdade, em que o *fetiche*, ora festejado e ora batido pelo selvagem, torna-se o idolo e figura aos olhos de todo o mundo em nichos inviolaveis. Se os idolos do Egypto, do Mexico e da India attestam o esmagamento da consciencia pelo colossal e pelo disforme, as artes e as lettras nas duas nações representativas da antiguidade, exprimiram energicamente a repugnancia das grandes intelligencias por todos os artificios coactores da liberdade mental. Pondo a Grecia e a China em confronto, vê-se que ambas tiveram o culto dos manes, e que em nenhuma dessas regiões vingou o estabelecimento da casta sacerdotal. Porque, pois, a segunda petrificou-se dentro de suas fronteiras, nas suas instituições patriarchaes, e a primeira librou-se nas azas para além do seu proprio territorio, alongando o seu vôo de aguia através do tempo até hoje? Pergunta é esta que ainda não vimos respondida; mas se attendermos que a religião dos Gregos falava á *imaginação*, a mais mobil das faculdades, e que a religião dos Chinezes dirigia-se á *razão*, a mais estavel das formas do entendimento; se considerarmos que a religião dos primeiros transmittira-se pela *poesia*, que é o fetichismo na arte, e que a religião dos segundos manifestava-se pelo *preceito* ou pelo mandamento, que é o idolo da sciencia legislativa, comprehende-se porque dous povos que não conheceram a *revelação* ou a lei directamente emanada do céu, seguiram rumos e tiveram destinos tão differentes.

As divindades gregas erão abstracções sem vida, vasia e prosaicas, no tempo dos cantos orphicos. Foi a poesia homERICA que as revestio de paixões e vicios humanos; e Hesiodo não hesitou em pôr na origem das cousas esse *amor*, o mais bello dos deoses immortaes, que amollece as almas e reina sobre todos os deoses e sobre todos os homens. Se os dogmas e os ritos dos Pelasgos, que censagravam os sacrificios humanos, tivessem prevalecido entre os habitantes da Italia; se estes povos houvessem adoptado os mysterios dos Etruscos, em que o terror tornava-se o eixo do culto divino; se a mythologia hellenica, mais graciosa e mais humana, não viesse em seguida abrandar a rude tempera

dessa população agricola e guerreira, pode-se affirmar que a influencia artistica e litteraria do povo romano não seria mais consideravel que a dos Persas e dos Assyrios. Entretanto, Roma, que durante os cinco primeiros seculos de sua historia, não teve uma poesia nacional, experimentou sempre os effeitos dessa penuria, que a tornou imitadora nas artes e deu outra direcção á sua originalidade.

O facto que sobreleva a todos os outros, é que o instincto *fetichista* foi tão geral e profundo, a ponto de modificar as tendencias que se *crystallisam* na idolatria. A educação idolatra dos Romanos se operára por tantos meios quantos são aquelles que uma casta, uma classe vencedora ou um povo conquistador põe em contribuição para consolidar e perpetuar o seu dominio. Mas uma nação, quando mesmo parece resignada e conformada á lei que lhe é imposta pelos extranhos, reage pela religião, pelo que ha de imponderavel nas forças intimas do organismo humano, contra o *systema* ou contra os males intoleraveis que lhe resultam da oppressão. Não precisamos documentar esta lei com os exemplos tão conhecidos e tão eloquentes da historia. Podemos agora explicar porque os altares idolatras tingiram-se de sangue humano principalmente entre os povos do norte da Europa, ao passo que os sacrificios expiatorios foram quasi ausentes do ritual das populações do Meio-Dia. E' que alli, a invasão ou a conquista anniquillou ou absorveu, por pouco numerosas, as populações vencidas ; ao passo que no sul, realisou-se exactamente o contrario por força da situação particular em que se achavam as raças collidentes.

Devemos fazer sentir que as tribus selvagens não conhecem, não praticam a *intolerancia religiosa*. Os nossos indigenas não adoptavam tambem os sacrificios humanos por motivo religioso, facto que se acha sufficientemente apurado pela historiographia brazileira. Toda a constituição social dos povos fetichistas basêa-se sobre o regimen e solidariedade da tribu, entretanto que as nações idolatras assentam a sua civilisação sobre o principio mais estreito da *paternidade* e da *familia*. O *anthropomorphismo* é uma reacção contra o fetichismo, como o *poder parental* é o governo domestico opposto, substituido ao governo da tribu. E este governo, não devemos esquecer, estriba-se na obediencia voluntaria, ou, melhor, na espontaneidade dos membros da associação : a *força coactiva* é excluida desse regimen social, porque as vontades particulares não são attingidas pela contradicção entre a *regra* e o *direito*, entre a *forma* e a *essencia* da lei, como entre as populações

idolatrias. Só um povo, que invade, que conquista, que avassalla, tem necessidade de anniquillar a organização social que acha estabelecida ; só elle sente a urgencia de fortificar a familia, insulando-a de toda influencia extranha e corruptora, porque tambem só elle escapa á pressão dos usos e das tradições recebidas e pode domar a corrente impetuosa que o envolve.

Extranham os ethnologos que os nossos Tupys não adoptassem um *culto religioso*, quando este phenomeno é geral e abrange todos os povos que não foram attingidos pela conquista. O *culto publico* ou *domestico* foi uma instituição politica, tendente a impôr aos vencidos as crenças religiosas dos vencedores, ou a subtrahir a familia da acção dissolvente dos costumes e praticas da tribu conquistada. Ainda o nome de *barbaro* recebe accepções diversas, e a sciencia da historia não o definiu perfeitamente. Pois bem : é o *barbaro* aquelle que apparece exercendo em qualquer região do globo um poder que procede, que se apoia no facto consummado da conquista.

A intolerancia, o fanatismo, a tyrannia, e mesmo até certo ponto, o *crime*, são fructos da barbaria. Os cultos religiosos, que nos seos diversos aspectos historicos são outras tantas modalidades da *idolatria*, seguem as pegadas dos povos conquistadores e com elles se estabelecem, se fixam, se perpetuam entre as nações subjugadas. Dahi a sua inconsistencia e a sua fraqueza ; mas quando, como na idade media, o povo vencido opera a conversão dos vencedores a seo credo e ás suas praticas religiosas, é de prever a longevidade do culto assim cimentado nos interesses consensuaes das raças. E' o que explica a vitalidade exterior do *budhismo*, que foi propagado pelo ensino e pela doutrina, e do christianismo, que fez substituir a espada pela cruz.

Guilherme Draper diz no seo livro—*Conflictos entre a sciencia e a religião*—que o homem ha de tirar ainda proveito do estudo da vida dos animaes inferiores, cujos costumes muitas vezes nos sorprendem e admiram, por encerrarem verdadeiras maravilhas de previsão e sciencia. Não exaggeramos, dizendo que os povos selvagens nos offerecem, nas suas instituições e nos seos usos, um thesouro inauferivel de experiencia e sabedoria, que a nossa civilização tem injustamente desdenhado. Se podessemos refazer a historia das populações fetichistas, seria ella por certo mais instructiva e mais consoladora do que as da nações que attingiram a phase da idolatria. Veriamos então que o estado social primitivo não era regulado por artificios legislativos, por combinações, mais ou menos engenhosas, que põem a liberdade e a honra dos cidadãos á mercê das diversi-

dades de theorias e dos sophistas de profissão. Que uma sociedade, bem ordenada, não é aquella que accumulou maior capital de experiencias dolorosas, de decepções amargas, de ideias e de factos sobre os quaes se exerce a logica dos politicos e legisladores ; mas incontestavelmente, a sociedade onde não ha classes que contendem por necessidade e por systema, tradições que se repellem, que se hostilisam, que semêam ruinas, arrogando-se uns e outros o privilegio de exercer o governo e abroquelar a liberdade.

Os povos selvagens confundem o *poder* com a *liberdade*, porque é impossivel ou nunca se revelou o conflicto entre a pratica de uma e o exercicio de outro. Entre as nações idolatras, que experimentaram os effeitos corruptores e desastrosos da conquista, essas duas noções tambem se amalgamam e se confundem nas pretensões e nos calculos ambiciosos dos partidos ; mas o governo das sociedades civilisadas prova de sobejo que não ha liberdade senão aquella que arma a resistencia dos cidadãos contra as pretensões da autoridade, e que não ha autoridade senão a que se apura da usurpação constante e systematica em detrimento da liberdade.

Entretanto, o mal oriundo da fatalidade historica, parece que se agrava, sob um novo aspecto : os povos não sentem mais *confusamente* a impressão do seo infortunio e da sua miseria secular. Se a consciencia, como pensam os philosophos, não pode ser concebida senão como a reacção do espirito contra o obstaculo exterior e contra o soffrimento que nos attinge ; não parece duvidoso que essa faculdade d'alma se alargue e fortifique á medida que o conhecimento da vida e do passado se torna mais nitido e profundo.

A sociedade chegou a esse periodo da existencia em que as illusões se dissipam, e o mal estar das massas humanas augmenta na razão directa da generalisação da sciencia. Vemos a enfermidade, mas não achamos o remedio.

E' que procuramos no *cerebro* o que devia residir no *coração*. O *instincto* nos falta, e conhecemos a lei em virtude da qual se verifica essa attenuação progressiva do sentimento sob os olhos da reflexão. E' felizmente um preconceito muito comum, de que cultivando no homem o espirito de *independencia*, cultiva-se a insubordinação anarchica ; e do mesmo modo julga-se funesta a educação que não nos torna obedientes e resignados, o que fatalmente nos conduz á subserviencia e á preguiça.

A educação moderna é essa parte de veneno que a medici-

na não disputa para os seus recipes e tentativas de cura : procura-se combater a molestia, consequencia de uma organização social defeituosa, com os agentes corrosivos que excavaram e destruíram o organismo doente e decrepito. E' preciso, urge, entretanto, eleger entre a *idolatria* e o *fetichismo*, entre as auras matinaes, tonicas e restauradoras, da vida primitiva, e esse ambiente, saturado de vapores, carregado de fermentos toxicos, que cresta e debilita as creaturas. A religião, a moral e a politica não são productos artificiaes, repositórios de pesquisas e descobertas fallazes nos campos da abstracção, nos dominios do sonho : são productos e fundações da natureza, que theorias barbaras e insensatas abalaram e destruíram. Empreguemos a reflexão para libertar-nos dos males que ella produziu e accumulou no decurso dos tempos : o progresso consiste, quanto á parte moral da natureza humana, em exercer um exame severo, implacavel, sobre as acquisições mentaes e supprimir o que é nocivo e contrario á natureza real do homem.

S. Paulo dizia que *tudo se examinasse, optando-se afinal pelo que se achasse bom*. Esse brado da consciencia fetichista não nos premune somente contra as ficções idolatras no dominio das religiões positivas ; mas nos leva tambem a pôr mão corajosa sobre todas as superfetações que têm concorrido para amargurar a existencia da especie. Qual o criterio que nos deve conduzir nessa eliminação e nessa escolha ? Por certo que será o instincto, ao mesmo tempo selector e constructor, das raças, que não soffreram o jugo ; que não fizeram da religião uma formula vasia, e do governo, da politica, um pesadelo sangrento.

O eloquente pedagogo francez, Ernesto Lavisse, queixa-se de que os nossos poetas, mesmo quando são democratas, não escrevem para o povo ; e uma vez que a religião não sabe exercer mais poder sobre as almas, ao mesmo tempo que se vê o camponez só se occupar da materia e só se apaixonar dos interesses, é tempo de procurarmos na alma do menino a *faisca divina* : animemo-la, exclama o escriptor, com o nosso sopro, e que ella aqueça essas almas reservadas a grandes deveres ! A que devemos essa obliteração do senso poetico, tão visivel nas producções da musa contemporanea ? Não ha duvidar que á educação idolatra, cujos intuitos se resumem em pôr o artificial e o arbitrario onde devia prevalecer o natural e o verdadeiro. A religião, a moral, a sciencia revestem nesses labios sem eloquencia e sem paixão, que transmittem á intelligencia do menino formulas seccas e aridas, a cor desmaiada e lugubre das concepções theologicas e mysticas vigentes. Não se sente

atravez desse ensino frio e monotono o largo alento da alma que se expande, do coração que bate e resôa. E' que o mestre não tem a grande paixão, que vivifica, que *ama* e que *admira*; é que pela alma do mestre não corre esse limpido manancial do instincto, que rejuvenesce e afervóra.

Salzman, o illustre pedagogo allemão, dizia que é em si mesmo que o educador deve procurar a causa de todos os defeitos e de todos os vicios de seos discipulos. Este conceito contem uma ideia profunda, que precisa de ser meditada. O menino sempre foi victima dos systemas erroneos, das formulas abstrusas, das disquisições sem norte. A educação é ainda um todo sem cohesão e sem alma, um organismo acephalo. Faltalhe a direcção superior, o ganglio ou vertebra que adune e governe as fibras e os musculos, que coordene os movimentos, que centralise as forças e as funcções. Entretanto, aonde achar o elasterio, a grande força intelligente, que falta? Em quanto uns appellam para a *religião revelada* e outros para a *sciencia*, nós appellamos e invocamos o *instincto religioso*. Não é elle differente do instincto *moral* e *social*, e sempre que se manifesta livremente, escoimado de toda liga com ideias, e sentimentos que o abastardam, ha certeza de que a liberdade não soffre, que a tolerancia, a egualdade e a solidariedade dos homens, prevalecem sobre as tendencias e os intuitos de uma educação egoista e dispersiva. Nós somos naturalmente crentes, dizia Waldo Emerson: amamos tudo o que affirma, liga e conserva, e odiamos tudo o que divide e destróe. Mas, a historia nos affirma, dividir e destruir foi sempre a primeira lei da idolatria.

JUSTINIANO DE MELLO.

GALERIA PARANAENSE

I

DIAS DA ROCHA FILHO

Foi um poeta paranaense tão distincto, quanto desconhecido em seo berço natal. Poucos são os que sabiam da existencia da fulguração daquelle astro em meio a nossa pequena constelação litteraria ; raros os evangelarios que dobraram os joelhos diante de uma estrophe sua. E, entretanto, era um nome que honrava esta terra, largamente.

Espirito servido por largo e serio cultivo scientifico e litterario, Dias da Rocha Filho abordou grande numero de assumptos com a galhardia de um luctador de bronzea tempera.

De seo amor ao estudo e do quanto era capaz a sua grande lucidez espiritual, dão provas os trabalhos sobre varios e obscuros pontos da nossa historia patria, e inestimaveis obras litterarias, em prosa e verso, que o desventurado poeta ahi deixa, sem que podesse publical-os em vida.

Presentimento funesto de proximo fim annuviára-lhe os derradeiros dois annos de existencia, quando justamente gosava da idade em que as largas aspirações desabrocham com a forte intensidade da luz de um meio dia de verão.

E foi o excesso do trabalho, o *dolorido affan*, que fel-o tropeçar tão cedo nos degrãos da sepultura.

Infelizmente, não tenho á mão nenhuma de suas ultimas producções, daquellas em que devem estar misturadas á nota plangente e funebre de um organismo minado pela phtysica—todo o luar sombrio de sua alma esbatendo, triste, sobre a fria e silenciosa necrópole de seos sonhos fanados, de suas alegrias mortas; e toda a saudosa melancholia derramada sobre a suave visão consoladora de seo infortunio, que foi tambem a esposa dedicada e a senhora absoluta de seo coração.

O Soneto que delle publico, escripto ha quinze annos, quando alumno da Eschola Militar do Rio de Janeiro, dá a medida de uma alma mordida de dúvidas, sceptica por *pose*, nessas onze

primeiras linhas, mas afinal se revelando crente, boa, religiosa :

DEOS

Eu penso muita vez, oh ! minha mãe querida,
Em Deos,—n' Esse que pesa os homens e os imperios,
E obumbram-me a razão os negros veos funereos
D' uma torva descrença amarga e dolorida.

Porque eu não comprehendo a grandeza, os mysterios
D' esse Ente em que tu crês, oh ! mãe estremecida,
D' esse Deos que anniquilla as explosões da vida
No seio dos que vão dormir nos cemiterios.

Quanta vez, quanta vez, a envenenar-me as veias
Entre a febre e o terror segreda-me : Não creias !
A duvida fatal, a duvida maldita...

Mas recordo-me então da tua fé, senhora,
E essa recordação, que as crenças me afervora,
A minh' alma penetra e brada-me : Acredita ?

1880.

DIAS DA ROCHA FILHO.

Se o Paraná perdeu em Dias da Rocha Filho uma de suas mais justas glorias, a Patria viu sumir-se uma de suas mais bellas esperanças.

Ao forasteiro divino, que em terra extranha dorme o somno derradeiro, a nossa veneração e a nossa saudade :—veneração pelo seu character austero, saudade pela sua muza meiga e dolente como a expressão machucada do olhar de uma virgem que chorou.

II

LYCIO DE CARVALHO

A alleluia de merecidas homenagens e o longo resplendor de saudades com que, através das *Peregrinas*, tem sido cercada a memoria deste desventurado poeta, assignala, para este Estado, o nascimento do grande dia das reparações.

No largo circulo da sociedade, para os que sabem dos trovadores pelos seus soluços rimados, esse facto importa mais um triumpho para as lettras; para aquelles, porém, que conheceram o poeta pelos seus versos e pelo seu coração, esse aconteci men-

to tem a grandeza e a solennidade de uma consagração. E' um toque de clarim victorioso, esse facto para tantos insignificante, chamando a póstos os infortunados amantes do Ideal. Já se tem mais, no extremo leito, do que a cruz, o pranto e a saudade da familia :—tem-se, em genuflexão perenne, meia duzia de almas irmãs pelo soffrimento e pelas aspirações suffocadas.

E como isto consola e faz bem !

Faz pezar menos o montão de terra e torna menos lugubre a alegria dos vermes.

Duplamente veneravel no subito apagar da vida, esse, que pela grandeza do seo infortunio tem feito medir este despertar de sentimentos generosos, sentidos e jamais revelados. Foi a sua quéda sobre a sepultura que os arrancou do berço e trouxe-os á luz.

Quem, por mais indifferente, perpassasse os olhos pelas paginas do livro de Lycio de Carvalho, ha de, pelo menos, sentir n'alma essa doce e commovedora sympathia que inspiram os corações alanhados pelas desventuras.

E, em verdade, a sua vida foi um tropeçar sobre saudades, um gemer sobre dores.

Que o digam estas trez quadras, que lhe escaparam como um grito estertoroso de agonia :

DESCRENÇA

A ANNIBAL CARNEIRO

Não pergunte porque tão triste vivo,
Se a vida me tem sido só martyrio,
Se no meo peito já não mora a crença,
Extinguio-a o clarão de branco cyrio.

Tenho a vida passado sem que um dia
Me raiasse uma aurora de bonança ;
Nunca tive nos labios a alegria,
Nem no peito sorrio-me uma esperança.

Só existe em meo peito a lava ardente
Do desgosto, da dor e da amargura.
Descrente desta vida espero apenas
O socego encontrar na sepultura.

Para que uma confissão dessa ordem exploda de uma alma tranquilla como um lago, qual a de Lycio, é necessario que um largo sopro de paixões violentas lhe encrespasse a superficie serena, a ponto de a fazer entrever, por entre o tactear das amarguras, a derradeira morada como o supremo repouso.

Enfeixadas, como estão, todas as suas lagrimas crystallizadas no verso, em um só ponto luminoso, com a publicação das *Peregrinas*,—lance audacioso do benemerito CENACULO,—assegurada está também a perpetuidade do nome do meigo bardo que, se guardou, em vida, a meia luz em todos os grandes triumphos litterarios, resplandece agora, surgindo illuminado á tona, como sempre resplandeceu em vida no doce e suave circulo das affeições intimas.

III

FERNANDO AMARO

Este vem de longe; nenhum de nós, os que aqui nos exaurimos em busca do Intangivel, o conhecemos pessoalmente. Quando abrimos os olhos á vida, já os seos se haviam cerrado para sempre; e, nesta commemoração piedosa de poetas mortos,—luares desaparecidos do firmamento do Sonho,—o seo nome não podia deixar de ser lembrado, ao menos como pequena homenagem ao primeiro espirito que nesta terra passou entre harmonias e dores pela desigual estrada que começa no berço e que finalisa no tumulo.

Por desventura minha, não tenho á mão, ao traçar estas ligeiras linhas, nenhuma producção do poeta paranaense contemporaneo de Casimiro de Abreo, e, como este, terno até a doçura, triste até a desolação.

Já está assentada entre os sacerdotes do CENACULO a publicação dos versos de Fernando Amaro, tendo-me sido commettida a tarefa de prefaciá-lo, que eu tenho a felicidade de possuir em original, e o qual profundamente sinto não poder manusear neste momento, por muito distante estar. Entretanto o prefaciá-lo me dará prospero ensejo para biographar o poeta e analysar os seos versos.

Estas linhas são como que um altar mais que se levanta dentro do templo sagrado, que nós, os sonhadores destes tempos áridos, temos o dever de atalaiar, com a vigilancia e a energia com que o dragão do mytho das Auperides teve de defender o seo vellocino.

LEONCIO CORREIA.

ANNIVERSARIO

Ruflem as azas colibris dourados
Por sobre a cupola azul de aereos sonhos
E nos frescos vergeis, nos verdes prados,
As pennas toquem garrúlos, risonhos.

Nuvens de anil e ouro se esparramem
No firmamento dos sonhos lindos,
Doces perfumes raros se derramem
Do ambiente nos lençóis infindos.

Flores rescendam nos jardins. E aves
Trinem de amor uns canticos suaves,
Festivamente n'uma orchestra alada.

A natureza brinde-me ridente,
Ria minh' alma triumphantemente,
Hoje faz annos minha esposa amada !

Buenos-Ayres, 1.º de Fevereiro de 1895.

CLAUDINO DOS SANTOS.

MÃE

Mãe ! minha Mãe ! na doce claridade
Dos teos olhos tranquillos e radiosos
Ri-se Deos ; e, se Deos não rir, quem ha-de
Rir, ó Santa, por olhos tão piedosos ?

Como as estrellas pela immensidade,
Desenrolam-se nella os dons formosos
Dessa alma ; e, os vejo—Mãe !—com que saudade !
Com que sabor de beijos lacrimosos !

Pois, que a vida me dando, Mãe, me dêste
Parte da tua, e o teu amor, que enlaça
Meo ser, como uma faixa azul-celeste;

Sei que darias, com um sorriso doce,
Para salvar teu filho da desgraça,
A propria vida, se preciso fosse...

LEONCIO CORREIA.

NOTAS

Sobre a configuração physica da America do Sul.

O estudo directo do meio natural e social em que vivemos deve ser o objecto de nossas primeiras investigações.

I

Raras vezes temos occasião de percorrer uma região tal como o Estado do Paraná, onde, pelo aspecto physico, pelo clima, pela singularidade de sua posição geographica e diversas outras condições, se achem reunidos os multiplos problemas das formações naturaes.

Situado na zona temperada, possuindo um clima agradabilissimo, estendem-se em certos pontos dessa região vastos campos povoados de toda a sorte de gado, noutros erguem-se altas montanhas cobertas de vigorosos e exuberantes bosques em cujas sombras dormem descuidosas as mais temiveis feras americanas.

Numerosos rios e arroios escapam fugitivamente por entre a folhagem, sempre fresca e verde, de plantas que jamais conheceram os açoitos de outro clima além das caricias de uma primavera constante.

Aves elegantes das mais alegres e vistosas plumagens, jamais cessam de perturbar com seus cantos festivos, o silencio daquelles valles; graciosas pombas, ao avistar o caçador, soltam o vôo ruidosamente, descrevendo no ar uma ligeira curva e indo perder-se no vasto horizonte, depois de atravessar planicies sem limites.

E' tão grande e tão variada a riqueza que, sob todos os pontos de vista, apresenta o Paraná, que impossivel se me torna delinear-a neste rapido trabalho.

Comecemos por fazer um ligeiro estudo sobre os elementos que contribuíram para a formação dos rios e montanhas desta região, e pesquisar as causas que presidiram a distribuição e composição das florestas.

Desde já é conveniente notar que em assumpto tão vasto e inexplorado, nossos passos não podem deixar de ser incertos e vacillantes, e grande será a nossa recompensa se em alguma cousa nossas ideias prestarem um serviço á sciencia.

Entre a Serra do Mar e o Atlantico ha uma região plana mostrando por sua composição arenosa, que em outro tempo o mar internava-se mais no continente do que na epocha actual, vindo a recuar mais tarde por causas de que havemos de tratar no decurso do presente trabalho, causas cujo estudo faremos na ordem chronologica dos acontecimentos geologicos.

No Paraná, acima da Serra do Mar, estende-se o planalto de Coritiba, ou *primeiro planalto*, como é tambem conhecido. Desse planalto, depois de subida a Serrinha, avistam se os formosos Campos-Geraes que constituem o *segundo planalto*. Finalmente, depois deste planalto vem a cordilheira da Esperança, cujo ponto mais elevado está situado a 4,300 metros acima do nivel do mar, constituindo o ponto culminante de todo o Estado.

A partir desta cordilheira, os terrenos vão declinando progressivamente para o occidente, formando extensas planicies em Guarapuava e Palmas.

Em cada uma destas differentes altitudes se encontra um clima correspondente que, combinado com a configuração do solo, determina mudanças characteristics não só na parte e na grandeza da vegetação, como na variedade e belleza das especies.

A Serra do Mar é o ponto por onde vamos começar nossa descripção ; antes, porém, de entrarmos em materia, permitta-nos o leitor algumas resumidas considerações que não deixam de vir a proposito.

Si as circumstancias interiores e exteriores ás quaes está sujeito o globo terrestre, fossem sempre constantes, elle, devido a sua rotação, apresentaria a forma de uma esphera regular, ligeiramente achatada nos pólos. Mas, de uma parte o calor central, doutra parte o calor solar, são causas de numerosos phenomenos physico-chimicos, conforme agem com maior ou menor intensidade sobre um ou outro ponto da atmosphaera, sobre as agoas, etc.

Sempre que se dá um desequilibrio na acção dessas forças, a tendencia natural para o equilibrio contribue para formar as irregularidades que a superficie da terra nos apresenta, influido, por consequencia sobre os climas, sobre a direcção dos ventos, producção das chuvas, destribuição das florestas, fertilidade das terras, indirectamente, sobre a vida economica das nações, sobre o temperamento, character e modo da vida dos individuos.

Vemos, portanto, que o estudo da formação e da configuração physica de uma região constitue um problema curioso e importantissimo, por ser ponto de partida no estudo da sociologia de um povo.

Cada montanha que diante de nós se levanta, altiva e orgulhosa, cada rio, desde os grandes rios navegaveis, até o menor riacho, tudo emfim teve uma época determinada de sua formação e causas naturaes que para esse phenomeno contribuíram.

Chegando á serra do Mar, principalmente se tomar o trem de ferro que vae de Paranaguá a Coritiba, não pôde o observador menos attento deixar de possuir-se de enthusiasmo deante do portentoso aspecto apresentado pela natureza e sentir no espirito o effeito da presença de um maravilhoso phenomeno natural; por outro lado contribue poderosamente para augmentar esse effeito, a incomparavel obra scientifica e artistica da estrada de ferro, essa poderosa conquista da engenharia moderna.

O trem passa pelos cumes das montanhas deixando atraz de si, em sua carreira precipitada, profundos abysmos que servem de leito aos pequeninos regatos, cujas agoas, brancas de espuma quando encontram algum rochedo, e crystallinas quando se desprendem em cascatas, constituem o mais bello ornato daquellas paizagens.

A certa altura, quando o trem descreve uma graciosa curva pela encosta do Pico do Diabo, avistam-se n'um mesmo plano a maior parte das cidades da marinha e além o proprio mar.

Considerando attentamente a disposição deste terreno, e detidamente examinando a estrutura do sólo, reconhece desde logo o observador que os logares hoje occupados pelas cidades de Antonina, Morretes, Porto de Cima e Paranaguá, formavam o fundo de uma extensa bahia.

As pedras dos cimos dos montes nos annunciam cousas extraordinarias : desta desprendeo-se um enorme blóco que em seo trajecto arrastou grande quantidade de terra e detritos de outras rochas para baixo ; aquella conserva ainda uma enorme fenda ; e pela fralda dos montes vê-se grande quantidade de pedras que só daqui a muitos annos chegarão ao seo destino arrastadas pela inexoravel gravidade.

A primeira vez que passei por esses logares (em Janeiro de 1893), escrevi em minha carteira o seguinte :

«Uma cousa notavel se observa na Serra do Mar : é, por assim dizer a *physionomia especial das pedras* ; a estrutura daquellas montanhas compõe-se de rochas fendidas bruscamente, com angulos muito pronunciados, misturadas com detritos da decom-

posição propria e outros extractos ; não se distingue alli a natural superposição das camadas geologicas : é, como dissemos, uma verdadeira mistura de rochas fendidas bruscamente, em decomposição».

O simples olhar para lá, exquisito quadro nos revela que aquelles pontos foram a arena de uma lucta titanica dos elementos, dando além de muitos e importantes resultados, a tomada ao mar de uma vasta extensão da região costeira.

Veremos adeante que aquellas pedras fendidas bruscamente servem para caracterisar um periodo geologico importante—o Periodo Glacial—e esse tão simples facto nos vae servir de base para comparar a formação desses pontos com outros phenomenos geologicos de indiscutivel importancia que se passaram na America, tal como a formação da cordilheira dos Andes ; e assim construiremos um ponto de vista seguro para apreciar a configuração definitiva que actualmente nos apresenta o vasto continente de Colombo.

Deixemos a Serra do Mar e vamos ao interior ver o que nos relatam essas pedras fendidas violentamente, esses angulos tão accentuados que se nos apresentam do meio da decomposição em que se acham.

ERNESTO LUIZ DE OLIVEIRA.

DHULIA

Não sabes a amargura que padeço
Olhando o ceo que outrora nós olhamos.
Um só dia feliz, e por tal preço
A' dor sem nome a vida inteira damos.

E penso agora, e pallido estremeço :
Porque se muda o sonho que adoramos
Neste destino tristemente avesso
Em que, descrentes, todos nos choramos ?

Cantos funereos com teu nome rezas
Pela camara ardente de meu seio,
Como um requiem de todas as tristezas ;

E a sinistra lembrança me consome
De ver, ha tanto, a magoa de permeio
Nesta existencia cheia de teu nome.

SILVEIRA NETTO.

Collaboradores :

Alfredo Munhoz—Dr. Azevedo Macedo—Dr. Carvalho de
Mendonça — Dr. Claudino dos Santos—Dr. Costa Carvalho—
Custodio Raposo—Dr. Camillo Vanzolini—Domingos Nas-
cimento—Ernesto Luiz de Oliveira—Emiliano Per-
netta—Emilio de Menezes—Dr. Francisco Gonçalves Junior—
Dr. Franco Grillo—João Itiberê—João Keating—Dr. João
Pereira Lagos—Dr. Justiniano de Mello—
Leoncio Correia—Luiz D. Cleve—Padre Alberto Gonçalves—
Romario Martins—Rocha Pombo—Santa Rita—Sera-
pião do Nascimento—Dr. Saldanha Sobrinho—
Dr. Trajano Joaquim dos Reis—Dr. Vicente
Machado—Dr. Victor do Amaral.

Directores :

Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga.

EXPEDIENTE

O Cenaculo acceita com prazer a collaboração dos estudiosos
honestos.

Os artigos anonymos não serão publicados.

Os artigos não publicados não serão restituídos.

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada para
a rua **Silva Jardim, n. 108.**

E' agente, n'esta Capital, o Sr. Annibal Requião — **Livraria
Economica**—Rua Quinze de Novembro, n. 67

Não ha assignaturas.

Preço do fasciculo : 4\$000